

**JOSHUA  GREENE**

# **TRIBOS MORAIS**

**A TRAGÉDIA DA  
MORALIDADE DO  
SENSO COMUM**

**JOSHUA GREENE**

# **TRIBOS MORAIS**

Tradução de  
ALESSANDRA BONRRUQUER

1ª edição

  
E D I T O R A R E C O R D  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO  
2018

Greene, Joshua, 1974-  
G831t Tribos morais [recurso eletrônico]: a tragédia da moralidade do senso comum / Joshua Greene;  
tradução Alessandra Bonruquer. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2018.  
recurso digital

Tradução de: Moral tribes: emotion, reason and the gap between us

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-01-10197-6 (recurso eletrônico)

1. Ética. 2. Civilização. 3. Filosofia. 4. Livros eletrônicos. I. Bonruquer, Alessandra. II. Título.

18-51392

CDD: 170

CDU: 17

Vanessa Mafra Xavier Salgado – Bibliotecária – CRB-7/6644

Copyright © Joshua D. Greene, 2013

Título original em inglês: Moral tribes: emotion, reason and the gap between us

Todos os esforços foram feitos para contatar os detentores dos direitos autorais das imagens reproduzidas neste livro, mas em alguns casos não foi possível localizá-los. A editora compromete-se a dar os devidos créditos em uma próxima edição, caso os autores as reconheçam e possam provar sua autoria.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela  
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

ISBN 978-85-01-10197-6

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.



*Para Andrea*

*O homem melhora<sup>1</sup> quando você lhe mostra como ele é.*

— ANTON TCHEKHOV

*A filosofia de um século é o senso comum do seguinte.*

— BISCOITO DA SORTE, TIGER NOODLES,  
PRINCETON, NOVA JERSEY

# Sumário

Introdução: A tragédia da moralidade do senso comum

## PARTE I

### **Problemas morais**

1. A tragédia dos comuns
2. Maquinaria moral
3. Conflito nos novos pastos

## PARTE II

### **Moralidade rápida e lenta**

4. Bondologia
5. Eficiência, flexibilidade e o cérebro de processo dual

## PARTE III

### **Moeda comum**

6. Uma ideia esplêndida
7. Em busca da moeda comum
8. Moeda comum encontrada

## PARTE IV

### **Convicções morais**

9. Atos alarmantes
10. Justiça e equidade

## PARTE V

### **Soluções morais**

- [11. Pragmatismo profundo](#)
- [12. Para além da moralidade aponte e dispare: seis regras para os pastores modernos](#)

[Nota do autor](#)

[Agradecimentos](#)

[Notas](#)

[Bibliografia](#)

[Créditos das imagens](#)

[Índice](#)

# Introdução

## A tragédia da moralidade do senso comum

A leste de uma floresta fechada e escura, uma tribo de pastores cria ovelhas em um pasto comum. Aqui, a regra é simples: cada família recebe o mesmo número de ovelhas. As famílias enviam representantes para um conselho de anciões que governa o pasto comum. Durante os anos, o conselho tomou decisões difíceis. Certa família, por exemplo, começou a criar ovelhas excepcionalmente grandes, apropriando-se de mais pasto. Após um debate acalorado, o conselho pôs fim a isso. Outra família foi pega envenenando as ovelhas dos vizinhos. Foi punida com severidade. Para alguns, severamente demais. Para outros, não o bastante. Apesar desses desafios, a tribo do leste tem sobrevivido e suas famílias têm prosperado, algumas mais que as outras.

A oeste da floresta, outra tribo de pastores também partilha um pasto comum. Porém, o tamanho do rebanho de cada família é determinado pelo tamanho da família. Aqui também o conselho de anciões tomou decisões difíceis. Uma família particularmente fértil teve doze filhos, muito mais que as outras. Alguns reclamaram porque eles usavam pasto demais. Outra família ficou doente, perdendo cinco de seus seis filhos em um ano. Alguns acharam injusto piorar a tragédia ao reduzir suas riquezas a menos da metade. Apesar desses desafios, a tribo do oeste tem sobrevivido e suas famílias têm prosperado, algumas mais que as outras.

Ao norte da floresta, há mais uma tribo. Aqui, não há pasto comum. Cada família tem seu próprio lote de terra, protegido por uma cerca. Esses lotes variam muito em tamanho e fertilidade. Isso acontece, em parte, porque alguns pastores nortistas são mais sábios e industriosos que outros. Muitos deles expandiram seus

lotes, usando os excedentes para comprar terras dos vizinhos menos prósperos. Alguns pastores nortistas são menos prósperos que outros simplesmente porque são azarados, tendo perdido o rebanho ou os filhos para doenças, a despeito de seus melhores esforços. Outros são excepcionalmente sortudos, possuindo lotes de terra amplos e férteis, não por serem em especial sábios ou industriosos, mas porque os herdaram. Aqui no norte, o conselho de anciões não faz muita coisa. Ele apenas assegura que os pastores cumpram suas promessas e respeitem a propriedade uns dos outros. A vasta diferença de riqueza entre as famílias nortistas tem sido fonte de muitas disputas. Todos os anos, alguns nortistas morrem no inverno por falta de comida e aquecimento. Apesar desses desafios, a tribo do norte tem sobrevivido. A maioria de suas famílias têm prosperado, algumas muito mais que as outras.

Ao sul da floresta há uma quarta tribo. Seus membros partilham não apenas o pasto, mas também os animais. O conselho de anciões é muito ocupado. Ele gerencia o rebanho, designa pessoas para as tarefas e monitora sua execução. Os frutos do trabalho são partilhados igualmente entre todos. Isso é fonte de muitas disputas, pois alguns membros são mais sábios e industriosos que outros. O conselho ouve muitas queixas sobre trabalhadores preguiçosos. A maioria dos membros, entretanto, trabalha duro. Alguns são motivados pelo espírito comunitário, outros, pelo temor da reprovação dos vizinhos. Apesar desses desafios, a tribo do sul tem sobrevivido. Suas famílias não são, em média, tão prósperas quanto as do norte, mas vivem bem e ninguém jamais morreu no inverno por falta de comida ou aquecimento.

Em determinado verão, um grande incêndio queimou a floresta, reduzindo-a a cinzas. Então vieram chuvas pesadas e, em pouco tempo, a região, outrora tomada de árvores, foi transformada em uma longa extensão de colinas recobertas de relva, perfeitas para animais de pasto. As tribos próximas correram para reivindicar as terras. Houve muitas disputas. A tribo do sul proclamou que os novos pastos pertenciam a todos e deviam ser trabalhados em conjunto. Eles formaram um conselho para gerenciar os novos pastos e convidaram as outras tribos a enviar representantes. Os pastores do norte zombaram da sugestão. Enquanto os sulistas elaboravam seus grandes planos, as famílias nortistas construíram casas e muros de pedra e colocaram seus animais para pastar. Muitas pessoas do leste e do oeste fizeram o mesmo, embora com menos vigor. Algumas famílias enviaram representantes para o novo conselho.

As quatro tribos lutaram amargamente e muitas vidas, tanto humanas quanto animais, foram perdidas. Pequenas desavenças se transformaram em vendetas familiares, que por sua vez terminaram em batalhas mortais: uma ovelha sulista invadiu um campo nortista. O nortista a devolveu. Outra ovelha sulista fez o mesmo. O nortista exigiu uma taxa para devolvê-la. Os sulistas se recusaram a pagar. O nortista abateu a ovelha. Os sulistas capturaram e abateram três ovelhas do nortista. O nortista capturou e abateu dez ovelhas dos sulistas. Os sulistas queimaram a fazenda do nortista, matando uma criança. Dez famílias nortistas marcharam até o salão de assembleia dos sulistas e atearam fogo, matando dezenas deles, incluindo muitas crianças. Violência e vingança prosseguiram de lado a lado, cobrindo de sangue as colinas verdejantes.

Para piorar a situação, tribos de terras distantes chegaram para demarcar novos pastos. Uma tribo afirmou que os novos pastos eram um presente de seu deus. O incêndio da grande floresta e a relva nas colinas haviam sido profetizados em seu livro sagrado. Outra afirmou que os novos pastos eram sua pátria ancestral, da qual seus membros haviam sido expulsos fazia muitas gerações, antes que houvesse floresta. Tribos chegaram com regras e costumes que, para os de fora, pareciam muito estranhos, senão francamente ridículos: ovelhas negras não deviam dormir no mesmo cercado que ovelhas brancas. Mulheres tinham de cobrir as orelhas em público. Cantar às quartas-feiras era absolutamente proibido. Um homem se queixou da vizinha que, enquanto cuidava das ovelhas, exibiu as orelhas em plena vista de seus filhos impressionáveis. A mulher se recusou a cobrir as orelhas e isso enfureceu seu devoto vizinho. Uma garotinha disse a um garotinho que o deus para o qual a família dele rezava não existia. O garoto, em choque, relatou isso ao pai, que reclamou com o pai da garota. O pai defendeu a filha, elogiando sua grande inteligência, e se recusou a pedir desculpas. Por isso foi morto, como exigido pelas leis da tribo que ofendera. E assim começou outra vendeta familiar.

A despeito das brigas, os pastores dos novos pastos são bastante similares. De modo geral, querem as mesmas coisas: famílias saudáveis, alimentos saborosos e nutritivos, abrigos confortáveis, ferramentas poupadoras de trabalho e tempo livre com a família e os amigos. Todos os pastores gostam de música e de ouvir histórias sobre heróis e vilões. E mais: mesmo enquanto brigam uns com os outros, suas mentes funcionam de modo similar. O que percebem como injusto

os deixa indignados e eles são motivados a lutar tanto para defender seus interesses quanto por seu senso de justiça. Pastores lutam não apenas por si mesmos, mas também por suas famílias, seus amigos e membros de sua tribo. Eles lutam com honra e teriam vergonha de agir de outro modo. Protegem ferozmente sua reputação, julgam os outros por seus feitos e gostam de trocar opiniões.

Apesar de suas diferenças, as tribos dos novos pastos partilham alguns valores essenciais. Em nenhuma tribo é permitido ser completamente egoísta e em nenhuma se espera que os membros sejam completamente altruístas. Mesmo no sul, onde o pasto é partilhado, no fim do dia os trabalhadores estão livres para cuidar de seus próprios interesses. Em nenhuma tribo os membros comuns têm permissão para mentir, roubar ou prejudicar alguém de propósito. (Há, entretanto, algumas tribos onde certos indivíduos privilegiados são livres para fazer o que quiserem.)

As tribos dos novos pastos estão envolvidas em conflitos cheios de rancor e com frequência sangrentos, mesmo que todos seus membros sejam, de diferentes maneiras, morais. Eles lutam não por serem fundamentalmente egoístas, mas por possuírem visões incompatíveis sobre como uma sociedade moral deve ser. Os desacordos não são apenas acadêmicos, embora eles também existam. Em vez disso, a filosofia de cada tribo está entremeada na vida cotidiana. Cada tribo possui sua própria versão do senso comum moral. As tribos dos novos pastos lutam não por serem imorais, mas por verem a vida nos novos pastos de perspectivas morais diferentes. Chamo isso de *tragédia da moralidade do senso comum*.

A parábola dos novos pastos é fictícia, mas a tragédia da moralidade do senso comum é real. É a tragédia central da vida moderna, a tragédia mais profunda por trás dos problemas morais que nos dividem. Este livro tenta compreender e então solucionar esses problemas. Ao contrário de muitos autores de livros populares, não prometo ajudá-lo a solucionar seus problemas pessoais. O que espero oferecer é clareza — e, com essa clareza, motivação e oportunidade para unir forças com aqueles de mentalidade similar.

Este livro é uma tentativa de analisar a moralidade desde seu nível mais básico. Ele tenta compreender o que é a moralidade, como ela chegou até aqui e como é implementada em nosso cérebro. Tenta desvendar a estrutura profunda dos problemas morais, assim como as diferenças entre os problemas que nosso

cérebro foi criado para solucionar e os problemas distintivamente modernos que enfrentamos hoje. Por fim, tenta transformar esse novo entendimento da moralidade em uma filosofia moral universal que os membros de todas as tribos humanas possam partilhar.

É um livro ambicioso. Comecei a desenvolver essas ideias no fim da adolescência e elas me ajudaram a construir duas carreiras interligadas — como filósofo e como cientista. Este livro se inspira em grandes filósofos do passado. Também se baseia em minhas próprias pesquisas no novo campo da cognição moral, que aplica os métodos da psicologia experimental e da neurociência cognitiva para iluminar a estrutura do pensamento moral. Finalmente, apoia-se no trabalho de centenas de cientistas sociais que aprenderam coisas surpreendentes sobre como tomamos decisões e como nossas escolhas são modeladas pela cultura e pela biologia. É minha tentativa de unir tudo isso e transformar esse novo autoconhecimento científico em uma filosofia prática que possa nos ajudar a solucionar nossos maiores problemas.

## A VIDA NOS NOVOS PASTOS

Duas questões dominaram o primeiro mandato presidencial de Barack Obama: assistência médica e economia. Ambas refletem a tensão entre o individualismo dos pastores nortistas e o coletivismo dos pastores sulistas. A Lei de Proteção e Cuidado Acessível ao Paciente, também conhecida como Obamacare, estabeleceu o plano nacional de assistência médica dos Estados Unidos. Os liberais o elogiaram não como sistema perfeito, mas como passo histórico na direção correta. O país finalmente havia se unido ao restante do mundo no fornecimento de assistência médica básica a todos os cidadãos. Os conservadores — muitos deles — desprezaram o Obamacare, que viram como mais um passo na direção do ruinoso socialismo. O debate recente sobre assistência médica está inundado de informações errôneas,<sup>1</sup> mas, entre mentiras e meias verdades, pode-se encontrar discordância filosófica honesta.

Essencialmente, essa discordância, como muitas outras, é sobre a tensão entre direitos individuais e o (real ou suposto) bem maior. Assistência médica universal exige que todo mundo participe, seja por meio de um plano de saúde individual,

seja por meio de impostos. Os conservadores organizaram um desafio legal que culminou em uma decisão histórica. A Suprema Corte manteve o Obamacare, afirmando que é financiado pela combinação entre aquisição voluntária e impostos (ambos constitucionais) e que o governo não obrigou as pessoas a comprarem algo (o que poderia ser visto como inconstitucional). A distinção entre impostos e aquisição forçada, no entanto, é apenas uma technicalidade legal. As pessoas que odeiam o Obamacare não o odeiam por acreditarem que é financiado por aquisições forçadas, em vez de impostos forçados; o que odeiam é serem *forçadas*. O Obamacare pode não ser socialismo, mas certamente é mais coletivista do que algumas pessoas gostariam, restringindo a liberdade individual em nome do bem maior.

Durante a primária presidencial republicana de 2012, os candidatos denunciaram o Obamacare tão frequente e estrondosamente quanto possível, chamando-o de socialismo e prometendo revogá-lo. Durante um dos debates da primária, o jornalista Wolf Blitzer travou o seguinte diálogo com o congressista texano Ron Paul:<sup>2</sup>

— Um homem saudável de 30 anos tem um bom emprego e vive bem, mas decide não gastar 200 ou 300 dólares por mês em um plano de saúde, porque é saudável e não precisa dele. Porém, algo terrível acontece e, subitamente, ele requer assistência médica. Quem pagará a conta se ele entrar em coma, por exemplo? Quem pagará por isso? — perguntou Blitzer.

— Bem, em uma sociedade que aceita o assistencialismo e o socialismo, ele esperaria que o governo cuidasse dele — respondeu Paul.

— Qual sua opinião a respeito?

— Ele deve ser livre para fazer o que quiser e assumir a responsabilidade por si mesmo. Meu conselho para ele seria ter um sólido plano de saúde, mas não ser forçado a...

— Mas ele não tem. Ele não tem plano e precisa de cuidados intensivos durante seis meses. Quem pagará a conta?

— É isso que significa liberdade, assumir seus próprios riscos. Toda essa ideia de que temos de estar preparados para cuidar de todo mundo...

[*Aplausos.*]

— Congresso, o senhor está dizendo que a sociedade deveria deixar esse homem morrer?

Enquanto Paul preparava sua hesitante resposta, um coro de vozes na multidão respondeu: “Sim! Deixe que morra!” Esses são os pastores nortistas. Paul não conseguiu se obrigar a concordar — ou discordar. Ele disse que vizinhos, amigos e igrejas deveriam cuidar do homem, insinuando, mas não declarando

explicitamente, que o governo deveria deixá-lo morrer se ninguém mais estivesse disposto ou fosse capaz de pagar. Como era de esperar, a maioria dos pastores sulistas discorda.

(Nota: na parábola dos novos pastos, os pastores sulistas são coletivistas extremos, comunistas e, conseqüentemente, estão bem à esquerda dos liberais convencionais contemporâneos, a despeito das frequentes acusações contrárias. Assim, quando discutirmos políticas contemporâneas, me referirei aos liberais contemporâneos como “mais sulistas”, em vez de “sulistas”. Os conservadores americanos contemporâneos, em contraste, se parecem mais com suas contrapartes nortistas fictícias.)

Juntamente com a assistência médica, o estado miserável da economia americana assumiu o centro do palco durante o primeiro mandato do presidente Obama. Quando ele assumiu o cargo em 2009, a economia estava em queda livre, graças a uma bolha imobiliária que estourara após uma década de crescimento inflacionado e um setor financeiro que apostara somas altíssimas nos preços dos imóveis.<sup>3</sup> O governo fez várias tentativas de evitar o desastre financeiro completo. Primeiro, no fim de 2008, enquanto o presidente Bush ainda estava no poder, o governo federal socorreu vários bancos de investimento no coração da crise.<sup>4</sup> Mais tarde, a administração Obama socorreu a indústria automobilística e estendeu o auxílio aos proprietários de imóveis que enfrentavam a possibilidade de embargo. Essas medidas receberam oposição, em graus variados, dos pastores nortistas, que argumentaram que bancos, fabricantes de automóveis e proprietários desesperados deveriam, como o paciente hipotético de Ron Paul, ser deixados para “morrer”. Por que, perguntaram eles, os contribuintes americanos deveriam pagar pelo mau julgamento dessas pessoas? Os pastores mais sulistas não ficaram exatamente deliciados com a ideia de socorrer decisores irresponsáveis, mas argumentaram que as medidas eram necessárias para o bem maior, sob o risco de escolhas ruins afundarem toda a economia. Durante o primeiro ano de Obama, os congressistas democratas aprovaram sua lei de estímulo de 787 bilhões de dólares, a Lei de Recuperação e Reinvestimento de 2009. Ela também enfrentou oposição dos pastores nortistas, que eram a favor de menos gastos governamentais e maior redução de impostos. Era melhor, diziam eles, colocar o dinheiro no bolso dos indivíduos, que poderiam decidir por si mesmos como gastá-lo.

Relacionada tanto à assistência médica quanto à economia está a questão

mais ampla da desigualdade econômica, que ganhou destaque em 2011 com os protestos Occupy Wall Street. De 1979 a 2007, a renda dos domicílios americanos mais prósperos disparou, com o 1% no topo conhecendo aumentos de renda de 275%, enquanto o grosso dos americanos ganhou cerca de 40%. (Os ganhos no topo mais rarefeito, que equivale a 0,1%, foram ainda maiores, em torno de 400%.)<sup>5</sup> Essas tendências inspiraram o slogan do Occupy “Somos os 99%”, reivindicando reformas econômicas para restaurar uma distribuição mais igualitária de riqueza e poder.

A história da crescente desigualdade de renda tem duas versões. De acordo com os pastores nortistas individualistas, os vencedores fizeram jus a seus ganhos e os perdedores não têm o direito de reclamar. “Occupy a Desk!” [Vá ocupar uma escrivaninha]<sup>6</sup>, dizia o cartaz de um manifestante contrário em Wall Street. Herman Cain, que tinha a esperança de ser presidente, chamou os manifestantes de “não americanos” e o futuro candidato republicano Mitt Romney os acusou de iniciar uma “guerra de classes”.<sup>7</sup>

Em setembro de 2012, a revista liberal *Mother Jones* publicou uma das maiores bombas da história eleitoral americana. A revista postou on-line uma gravação secreta de Romney na qual ele descrevia praticamente metade da população americana como dependentes voluntários do governo que jamais “assumiriam responsabilidade pessoal pelas próprias vidas”. De acordo com o infame discurso de Romney, os “47%” da população<sup>8</sup> que não ganham o suficiente para pagar imposto de renda (para além do retido na fonte) não merecem mais do que já ganham.

Os pastores mais sulistas contam uma história diferente. Eles dizem que os ricos manipularam o sistema a seu favor, observando que pessoas abastadas como Mitt Romney pagam menos impostos que muitos trabalhadores de classe média, graças a impostos mais baixos<sup>9</sup> sobre investimentos, uma miríade de brechas legais e paraísos fiscais no exterior. E agora, em função da decisão da Suprema Corte em *Citizens United v. Federal Election Commission*, que legalizou contribuições ilimitadas de campanha para grupos políticos “independentes”, os ricos podem usar seu dinheiro para comprar as eleições como nunca antes. Esses pastores mais sulistas dizem que mesmo na ausência de uma nefária manipulação do sistema, manter uma sociedade justa exige redistribuição ativa de riquezas. De outro modo, os ricos usam suas vantagens para ficarem cada vez mais ricos, passando essas vantagens para os filhos, que já começam a vida “na frente”. Sem

redistribuição de riquezas, dizem eles, nossa sociedade se bifurcará em classes permanentes dos que têm e dos que não têm.

Durante sua primeira campanha política, a senadora de Massachusetts Elizabeth Warren defendeu a causa sulista de redistribuição em um discurso que viralizou no YouTube:

Não há ninguém neste país que tenha enriquecido sozinho. Ninguém. Você construiu uma fábrica, bom para você. Mas sejamos claros: você transportou suas mercadorias por estradas pagas pelo restante de nós. Contratou trabalhadores que nós pagamos para educar. Sentiu-se seguro em sua fábrica por causa das forças policiais e dos bombeiros que financiamos. Não precisou temer que saqueadores invadissem sua fábrica [...] Então preste atenção. Você construiu uma fábrica e essa foi uma ideia formidável — que Deus o abençoe! Fique com uma parte dela. Mas uma cláusula do contrato social subjacente diz que você deve pegar uma parte e então pagar adiantado para a próxima criança na fila.

Em resposta a essas observações, Ron Paul chamou Warren de socialista e disse que o governo não poderia fazer nada além de “roubar as pessoas sob a mira de armas e transferir riqueza à força de umas para as outras”.<sup>10</sup> O comentarista conservador Rush Limbaugh deu um passo além, chamando Warren de comunista e “parasita que odeia seu hospedeiro”.<sup>11</sup>

Outros desacordos tribais estão menos obviamente relacionados à divisão fundamental entre individualismo e coletivismo. Nos Estados Unidos, há uma enorme discordância sobre o que deveríamos fazer, se é que deveríamos fazer algo, em relação ao aquecimento global. Isso pode parecer não um debate sobre valores, mas uma discordância factual sobre se o aquecimento global é real e se os seres humanos o estão causando. O argumento, contudo, será apenas sobre a interpretação dos dados? Aqueles que acreditam no aquecimento global dizem que todos devemos fazer sacrifícios (usar menos combustível, pagar impostos sobre a emissão de carbono e assim por diante) para assegurar o bem-estar coletivo. Os individualistas são, por natureza, céticos em relação a tais demandas; os coletivistas, muito menos. Nossos valores podem colorir nossa visão dos fatos.<sup>12</sup>

Alguns de nossos problemas nos novos pastos não se relacionam a individualismo *versus* coletivismo, mas às fronteiras de nossos respectivos coletivos. Quase todos nós somos coletivistas em alguma extensão. Os únicos individualistas puros são os eremitas. Considere novamente a recomendação de Ron Paul para o homem que negligenciou a necessidade de ter um plano de

saúde. Paul não disse que deveríamos deixar o homem morrer. Ele disse que *amigos, vizinhos e igrejas* deveriam cuidar dele. Isso sugere que nossas discordâncias tribais não são necessariamente entre tribos individualistas e tribos coletivistas, mas entre tribos que são mais e tribos que são menos *tribais*, mais ou menos inclinadas a ver o mundo em termos de “nós” *versus* “eles” e, assim, mais ou menos abertas a empreitadas coletivas que cruzam linhas tribais, como o governo federal americano e a Organização das Nações Unidas. Para muitos conservadores, o círculo do “nós” é apenas menor.

Alguns desacordos emergem porque as tribos possuem valores inerentemente *locais*, particulares à tribo em questão. Algumas concedem autoridade especial a deuses, líderes, textos ou práticas específicas — o que se poderia chamar de “nomes próprios”.<sup>13</sup> Por exemplo, muitos muçulmanos acreditam que ninguém, muçulmano ou não, deveria produzir imagens do profeta Maomé. Alguns judeus acreditam ser o “povo escolhido” de Deus e possuir direito divino à terra de Israel. Muitos cristãos americanos acreditam que os Dez Mandamentos deveriam ser exibidos em edifícios públicos e que todos os americanos deveriam prestar juramento a “uma nação sob Deus”. (E eles não estão falando de Vishnu.)

As práticas morais de algumas tribos são (ou parecem ser) arbitrárias, mas, ao menos no mundo desenvolvido, as tribos geralmente evitam impor suas regras mais arbitrárias umas às outras: judeus ortodoxos não esperam que não judeus se abstenham de lagosta e circuncisem seus filhos. Católicos não esperam que não católicos portem cruzes de cinzas na testa na Quarta-Feira de Cinzas. As diferenças tribais que se transformam em controvérsias públicas em geral envolvem sexo (casamento homossexual, homossexuais no serviço militar, a vida sexual dos funcionários públicos) e morte às margens da vida (aborto, suicídio medicamente assistido, uso de células embrionárias para pesquisa). Que tais questões sejam morais certamente não é arbitrário. Sexo e morte são o acelerador e o freio do crescimento tribal. (Sexo homossexual e aborto, por exemplo, são alternativas à reprodução.) O que está menos claro é por que as tribos possuem visões diferentes sobre sexo, vida e morte e por que algumas estão mais dispostas que outras a impor sua visão aos outsiders.

Esse era o furacão sobre os novos pastos dos Estados Unidos quando terminei este livro. Se você estiver lendo em uma época posterior ou em outro local, as questões específicas serão diferentes, mas as tensões subjacentes provavelmente serão as mesmas. Olhe em torno e verá pastores nortistas e

sulistas disputando se o governo deve fazer mais ou menos; tribos que possuem concepções mais ou menos amplas de “nós”; tribos envolvidas em amargos argumentos sobre a moralidade do sexo e da morte; e tribos exigindo deferência a seus respectivos nomes próprios.

## NA DIREÇÃO DE UMA FILOSOFIA MORAL GLOBAL

Se você fosse um biólogo alienígena voltando à Terra a cada 10 mil anos para observar o progresso da vida no planeta, poderia haver uma página semelhante a essa em seu caderno de campo:

*Homo sapiens sapiens*: primata ereto de cérebro grande e linguagem vocal, às vezes agressivo

VISITA	POPULAÇÃO	NOTAS
1	< 10 milhões	grupos de caçadores-coletores, algumas ferramentas primitivas
2	< 10 milhões	grupos de caçadores-coletores, algumas ferramentas primitivas
3	< 10 milhões	grupos de caçadores-coletores, algumas ferramentas primitivas
4	< 10 milhões	grupos de caçadores-coletores, algumas ferramentas primitivas
5	< 10 milhões	grupos de caçadores-coletores, algumas ferramentas primitivas
6	< 10 milhões	grupos de caçadores-coletores, algumas ferramentas primitivas
7	< 10 milhões	grupos de caçadores-coletores, algumas ferramentas primitivas
8	< 10 milhões	grupos de caçadores-coletores, algumas ferramentas primitivas
9	< 10 milhões	grupos de caçadores-coletores, algumas ferramentas primitivas
10	> 7 bilhões	economia industrial globalizada, tecnologia com poder nuclear, telecomunicações, inteligência artificial, viagens extraterrestres, instituições políticas e sociais de larga escala, governo democrático, pesquisas científicas avançadas, alfabetização disseminada e arte desenvolvida (ver adendo)

Com exceção dos últimos 10 mil anos de nossa existência, não parece que fizemos muito. E, todavia, aqui estamos, sentados em nossas casas com temperatura controlada e iluminação artificial, lendo e escrevendo livros sobre nós mesmos. Nosso progresso vai além do conforto. Contrariamente ao lamento popular, os seres humanos estão se saindo cada vez melhor na convivência mútua.<sup>14</sup> A violência declinou ao longo da história, incluindo a história recente, e a participação nas modernas economias de mercado, longe de nos transformar em burocratas egoístas, expandiu o escopo da generosidade humana.<sup>15</sup>

Entretanto, ainda temos muito espaço para melhoria. O século XX foi o mais pacífico de que se tem registro (considerando-se o crescimento populacional) e, mesmo assim, guerras e conflitos políticos variados mataram aproximadamente 230 milhões de pessoas (corpos suficientes para circundar o globo sete vezes).<sup>16</sup> Neste novo século, o número de mortes continua a subir, embora em ritmo reduzido. O atual conflito em Darfur, por exemplo, já matou, em função da violência ou da disseminação de doenças, cerca de 300 mil pessoas.<sup>17</sup> Um bilhão de pessoas — cerca de uma em sete — vivem em extrema pobreza,<sup>18</sup> com tão poucos recursos que a mera sobrevivência é uma batalha diária. Mais de 20 milhões de pessoas são forçadas ao trabalho<sup>19</sup> (isto é, escravidão), muitas das quais crianças e mulheres forçadas à prostituição.

Mesmo nos cantos mais felizes do mundo, a vida ainda é sistematicamente injusta para milhões de pessoas. Quando pesquisadores americanos enviaram currículos idênticos para potenciais empregadores, alguns com nomes de sonoridade branca (por exemplo, Emily e Greg) e outros com nomes de sonoridade negra (por exemplo, Lakisha e Jamal), os currículos brancos geraram 50% mais telefonemas dos empregadores.<sup>20</sup> Pior ainda, enfrentamos dois problemas que podem perturbar severamente, ou mesmo reverter, nossa tendência à paz e à prosperidade: a degradação do meio ambiente e a proliferação de armas de destruição em massa.

Em meio a tanta tristeza e melancolia, a premissa deste livro é fundamentalmente otimista: podemos melhorar nossas perspectivas de paz e prosperidade se aprimorarmos a maneira como pensamos os problemas morais. Durante os últimos séculos, novas ideias morais invadiram os cérebros humanos. Muitas pessoas agora acreditam que nenhuma tribo humana deve ser privilegiada em relação a qualquer outra, que todos os seres humanos merecem gozar de certos bens e liberdades básicas, e que a violência só deve ser empregada como

último recurso. (Em outras palavras, algumas tribos se tornaram muito menos tribais.) Subscrevemos esses ideais morais mais em princípio que na prática, mas o fato de os subscrevermos é algo novo. De acordo com os historiadores, fizemos muito progresso, não apenas tecnológico, mas também moral.

Invertendo a questão usual sobre a moral de hoje, Steven Pinker pergunta: o que estamos fazendo direito?<sup>21</sup> E como podemos melhorar? Acho que o que nos falta é uma filosofia moral global e coerente que possa solucionar as discordâncias entre as tribos morais em competição. A ideia de uma filosofia moral universal não é nova. Tem sido um sonho dos pensadores morais desde o Iluminismo, mas jamais funcionou muito bem. O que temos, em vez disso, são alguns valores partilhados, alguns valores não partilhados, algumas leis com as quais concordamos e um *vocabulário* comum que usamos para expressar os valores que partilhamos e aqueles que nos dividem.

Compreender a moralidade requer duas coisas: primeiro, precisamos compreender *a estrutura dos problemas morais modernos* e como eles diferem dos problemas que nosso cérebro evoluiu para solucionar. Faremos isso na parte I do livro. Segundo, precisamos compreender *a estrutura de nosso cérebro moral* e como diferentes modos de pensar são adequados para solucionar diferentes tipos de problema. Essa é a parte II. Então, na parte III, usaremos nossa compreensão dos problemas morais e do pensamento moral para introduzir uma solução, uma candidata a filosofia moral global. Na parte IV, discutiremos alguns argumentos convincentes contra essa filosofia e, na parte V, aplicaremos nossa filosofia ao mundo real. Descreverei agora esse plano com um pouco mais de detalhes.

## O PLANO

Na parte I (“Problemas morais”), distinguiremos os dois tipos principais de problemas morais. O primeiro é mais básico. É o problema do “eu” *versus* “nós”: egoísmo *versus* preocupação com os outros. Esse é o problema que nosso cérebro moral foi projetado para solucionar. O segundo tipo de problema moral é distintivamente moderno. É o “nós” *versus* “eles”: nossos interesses e valores *versus* os deles. Essa é a tragédia da moralidade do senso comum ilustrada pela primeira metáfora organizadora do livro, a parábola dos novos pastos. (Claro que

“nós” *versus* “eles” é um problema muito antigo, mas, historicamente, tem sido um problema mais tático que moral.) Esse é o problema mais amplo por trás das controvérsias morais que nos dividem. Na parte I, veremos como a maquinaria moral de nosso cérebro soluciona o primeiro problema (capítulo 2) e cria o segundo (capítulo 3).

Na parte II (“Moralidade rápida e lenta”), escavaremos mais profundamente o cérebro moral e introduziremos a segunda metáfora organizadora do livro: o cérebro moral é como uma câmera dual, com um modo automático (como “retrato” ou “paisagem”) e um modo manual. O modo automático é eficiente, mas inflexível. O modo manual é flexível, mas ineficiente. O modo automático do cérebro moral são as *emoções morais* que encontraremos na parte I, os instintos que permitem a cooperação no interior de relacionamentos pessoais e pequenos grupos. O modo manual, em contraste, é a capacidade geral de raciocínio prático que pode ser usado para solucionar problemas morais e outros problemas práticos. Na parte II, veremos como o pensamento moral é modelado tanto pela emoção quanto pela razão (capítulo 4) e como essa moralidade “de modo dual” reflete a estrutura geral da mente humana (capítulo 5).

Na parte III, introduziremos nossa terceira e última metáfora organizadora: a moeda comum. Aqui, começaremos a busca pela *metamoralidade*, uma filosofia moral global que possa mediar as moralidades de tribos opostas, assim como a moralidade da tribo medeia os interesses opostos de seus membros. O trabalho da metamoralidade é realizar o *câmbio* entre valores tribais opostos, e esse câmbio exige uma *moeda comum*, um sistema unificado para mensurar valores. No capítulo 6, introduziremos uma candidata a metamoralidade, uma solução para a tragédia da moralidade do senso comum. No capítulo 7, consideraremos outras maneiras de estabelecer uma moeda comum e observaremos que estas são falhas. No capítulo 8, examinaremos mais de perto a metamoralidade introduzida no capítulo 6, uma filosofia conhecida (bastante desafortunadamente) como *utilitarismo*.<sup>22</sup> Veremos como o utilitarismo é construído a partir de valores e processos de raciocínio que são universalmente acessíveis e, portanto, fornecem a moeda comum de que necessitamos.

Durante os anos, os filósofos apresentaram alguns argumentos intuitivamente persuasivos contra o utilitarismo. Na parte 4 (“Convicções morais”), reconsideraremos esses argumentos à luz de nosso novo entendimento da cognição moral. Veremos como o utilitarismo se torna mais atraente quanto

mais compreendemos nosso cérebro moral de modo dual (capítulos 9 e 10).

Finalmente, na parte V (“Soluções morais”), retornaremos aos novos pastos e aos problemas morais do mundo real que motivam este livro. Tendo defendido o utilitarismo contra seus críticos, está na hora de aplicá-lo — e escolher um nome melhor. Um nome mais adequado para o utilitarismo é *pragmatismo profundo* (capítulo 11). O utilitarismo é pragmático no bom e familiar sentido: flexível, realista e aberto ao compromisso. Além disso, é uma filosofia *profunda*, e não apenas uma questão de conveniência. O pragmatismo profundo tenta chegar a compromissos *de princípios*. Tenta resolver nossas diferenças ao apelar para valores partilhados — a moeda comum.

Consideraremos o que significa, na prática, ser pragmatista profundo: quando devemos confiar em nossos modos automáticos, nossas intuições morais, e quando devemos mudar para o modo manual? E, quando estamos no modo manual, como devemos usar nossos poderes de raciocínio? Aqui, temos uma escolha: podemos usar nossos grandes cérebros para *racionalizar* nossas convicções morais intuitivas ou podemos *transcender* as limitações de nossas reações tribais instintivas. Defenderei a transcendência, a tentativa de ir além da moralidade de apontar e disparar e mudar a maneira como pensamos e falamos sobre os problemas que nos dividem. Encerrarei o capítulo 12 com seis regras simples e pragmáticas para a vida nos novos pastos.

PARTE I

## Problemas morais

## A tragédia dos comuns

Como você pode ter notado, a parábola dos novos pastos é uma sequência. A parábola original vem de Garrett Hardin, um ecologista pioneiro que, em 1968, publicou o clássico ensaio “A tragédia dos comuns”.<sup>1</sup> Na parábola de Hardin, um grupo de pastores partilha um pasto comum, grande o bastante para sustentar muitos animais, mas não um número infinito deles. De tempos em tempos, cada pastor deve decidir se adiciona ou não outro animal ao rebanho. O que um pastor racional deve fazer? Ao adicionar um animal a seu rebanho, ele receberá um benefício substancial quando vendê-lo no mercado. Todavia, o custo de sustentar cada animal será partilhado por todos que usam o pasto comum. Assim, o pastor ganhará muito e pagará pouco com a adição do novo animal. Logo, é de seu interesse aumentar indefinidamente o tamanho de seu rebanho, desde que o pasto comum permaneça disponível. É claro que todos os outros pastores possuem o mesmo conjunto de incentivos. Se cada pastor agir de acordo com seu próprio interesse, o pasto comum será completamente erodido e não haverá mais nada para ninguém.

A tragédia dos comuns de Hardin ilustra o *problema da cooperação*. A cooperação nem sempre é um problema. Às vezes, é uma conclusão previsível; às vezes, simplesmente impossível. Entre esses dois extremos, as coisas ficam interessantes.

Suponha que dois homens, Art e Bud, estão em um bote em alto-mar, tentando sobreviver a uma violenta tempestade. Nenhum deles sobreviverá, a menos que os dois remem freneticamente. Nesse caso, o interesse próprio e o coletivo (nesse caso, um coletivo de dois) estão em perfeita harmonia. Tanto

para Art quanto para Bud, fazer o que é melhor para “mim” e fazer o que é melhor para “nós” são a mesma coisa. Em outros casos, a cooperação é impossível. Suponha, por exemplo, que o bote de Art e Bud está afundando e eles só têm um colete salva-vidas, que não podem dividir. Nesse contexto não há “nós”, apenas dois “eu” diferentes.

Quando a cooperação é ou fácil ou impossível, como nos dois cenários mencionados, não há problema social a ser solucionado. A cooperação se torna um problema desafiador, mas solucionável quando, como na parábola de Hardin, o interesse individual e o interesse coletivo não estão nem perfeitamente alinhados, nem perfeitamente opostos. Novamente, qualquer um dos pastores de Hardin se daria melhor adicionando mais animais a seu rebanho, mas isso levaria à ruína coletiva, que não é do interesse de ninguém. O problema da cooperação, então, é o problema de fazer com que o interesse coletivo triunfe sobre o interesse individual, quando possível. O problema da cooperação é o problema central da existência social.<sup>2</sup>

Por que qualquer criatura deveria ser social? Por que não se virar sozinha? A razão é que, às vezes, indivíduos podem realizar juntos coisas que não podem realizar sozinhos. Esse princípio guiou a evolução da vida na Terra desde o início.<sup>3</sup> Há aproximadamente 4 bilhões de anos, moléculas se uniram para formar células. Uns 2 bilhões de anos depois, células se uniram para formar células mais complexas. E então, 1 bilhão de anos mais tarde, essas células mais complexas se uniram para formar organismos multicelulares. Esses coletivos evoluíram porque os indivíduos participantes podiam, trabalhando juntos, espalhar seu material genético de maneiras novas e mais efetivas. Avance outro bilhão de anos até nosso mundo, que está cheio de animais sociais, de formigas e lobos a seres humanos. O mesmo princípio se aplica. Colônias de formigas e matilhas de lobos podem fazer coisas que nenhuma formiga e nenhum lobo podem fazer sozinhos, e nós humanos, cooperando uns com os outros, nos tornamos a espécie dominante do planeta.

A maior parte da cooperação entre seres humanos é do tipo interessante, o tipo no qual interesse próprio e interesse coletivo estão parcialmente alinhados. No primeiro caso envolvendo Art e Bud, estipulamos que seus interesses estavam perfeitamente alinhados: ambos tinham de remar o máximo possível ou ambos afundariam. Mas casos assim são raros. No caso mais típico, tanto Art quanto Bud poderiam remar um pouco menos e o bote ainda chegaria a terra firme. De

modo mais geral, é raro encontrar uma situação cooperativa na qual os indivíduos não tenham a oportunidade de favorecer a si mesmos à custa do grupo. Em outras palavras, quase todas as situações cooperativas envolvem ao menos alguma tensão entre o interesse próprio e o interesse coletivo, entre “eu” e “nós”. E, assim, praticamente todas as situações cooperativas correm risco de erosão, como o pasto comum na parábola de Hardin.

A tensão entre interesse individual e coletivo existe em muitas situações nas quais ordinariamente não pensamos como cooperativas. Suponha que Art está viajando pelo Velho Oeste, percorrendo uma trilha isolada na montanha. Lá em cima, vê a silhueta de um viajante solitário chegando ao cimo. Será que está armado? Art não sabe se o outro homem está armado, mas ele está e sabe atirar. Observando o estranho por cima do cano do rifle, Art acha que consegue derrubá-lo com uma única bala. Será que deve fazer isso? Do ponto de vista egoísta, não há nada a perder. Se ele matar o estranho, não terá de se preocupar com ser roubado. Assim, é do interesse de Art atirar no estranho.

Bud, que também viaja por aquela região, enfrenta uma escolha similar ao atravessar uma cordilheira para recuperar seu ouro escondido. Bud vê um estranho adormecido na trilha. Ele sabe que provavelmente encontrará o estranho no caminho de volta, quando estará carregando seu ouro. Será que o estranho tentará roubá-lo? Bud não sabe, mas sabe que, se envenenar o uísque do estranho adormecido, não terá de descobrir.

A lógica do interesse próprio se desdobra: Bud envenena o uísque de Art. Algumas horas depois, Art mata Bud com um tiro. E algumas horas depois disso, Art bebe seu uísque e morre. Se Art e Bud tivessem se preocupado um pouquinho mais com o bem-estar de estranhos, teriam sobrevivido. Em vez disso, como os pastores da parábola de Hardin, priorizaram interesses próprios e a história terminou mal. A lição: mesmo a forma mais básica de decência, a não agressão, é uma forma de cooperação e não deve ser tomada como certa — em nossa espécie ou qualquer outra. Considere, por exemplo, um de nossos parentes mais próximos, os chimpanzés. Se chimpanzés machos de grupos diferentes se encontram e um grupo possui clara vantagem numérica sobre o outro, é muito provável que o grupo maior mate os membros do grupo menor, simplesmente porque pode. E por que não? Quem precisa de competição? A paz é um problema cooperativo.

Quase toda atividade econômica apresenta um problema cooperativo. Quando você compra algo em uma loja, espera receber do lojista o produto pelo qual você pagou (por exemplo, carne moída de gado, e não de esquilo). Do mesmo modo, o lojista acredita que você entregará a ele uma nota verdadeira de 10 dólares (e não uma falsificada) e não encherá os bolsos de mercadorias adicionais. É claro que, em nossa sociedade, temos leis e oficiais de polícia para assegurar que as pessoas cumpram seu lado das barganhas. E esse é precisamente o ponto. Como quase todas as atividades econômicas envolvem o tipo interessante de cooperação, o tipo que coloca o interesse individual contra o interesse coletivo, precisamos de maquinaria adicional para fazê-las funcionar.

Para além do mercado, quase todos os relacionamentos humanos envolvem dar e receber, e todos os relacionamentos dessa natureza desmoronam quando uma ou ambas as partes recebem demais, sem dar o suficiente em troca. De fato, a tensão entre interesse individual e coletivo se manifesta não apenas entre nós, mas também em nosso interior. Como mencionado, células complexas vêm cooperando há 1 bilhão de anos. Mesmo assim, não é incomum que algumas células no corpo de um animal comecem a trabalhar para si mesmas, em vez de para o time, em um fenômeno conhecido como câncer.<sup>5</sup>

## A FUNÇÃO DA MORALIDADE

Depois de Darwin, a moralidade humana se tornou um mistério científico. A seleção natural podia explicar como primatas inteligentes, eretos, bípedes, dotados de linguagem e não tão peludos evoluíram, mas de onde vieram nossas morais? O próprio Darwin se viu absorvido por essa questão.<sup>6</sup> Acreditava-se que a seleção natural promovia o interesse próprio. Indivíduos que se apoderavam de todos os recursos e acabavam com a competição sobreviviam melhor, reproduziam-se mais frequentemente e, assim, povoavam o mundo com sua prole impiedosamente egoísta. Como, então, pôde a moralidade evoluir em um mundo que Tennyson notoriamente descreveu como “violento e selvagem”?<sup>7</sup>

Agora temos a resposta. A moralidade evoluiu como solução para o problema da cooperação, uma maneira de evitar a tragédia dos comuns:

A moralidade é um conjunto de adaptações psicológicas que permite que indivíduos de outro modo egoístas colham os benefícios da cooperação.<sup>8</sup>

Como a moralidade faz isso? Passaremos o próximo capítulo respondendo a essa pergunta mais detalhadamente, mais eis o ponto principal: a essência da moralidade é o altruísmo, a abnegação, a disposição de arcar com um custo pessoal para beneficiar outros. Pastores egoístas continuarão a adicionar animais a seus rebanhos até que os custos individuais superem os benefícios individuais, e isso, como vimos, levará à ruína. Pastores morais, entretanto, podem estar dispostos a limitar o tamanho de seus rebanhos em função da preocupação com os outros pastores, mesmo que tal restrição imponha certo custo líquido. Assim, um grupo de pastores morais, por meio da disposição de colocar o “nós” acima do “eu”, pode evitar a tragédia dos comuns e prosperar.

A moralidade evoluiu para permitir a cooperação, mas essa conclusão vem com uma importante ressalva. Biologicamente falando, os seres humanos foram projetados para a cooperação, *mas somente com algumas pessoas*. Nosso cérebro moral evoluiu para a cooperação *no interior de certos grupos*, e talvez somente no contexto dos relacionamentos pessoais. Ele não evoluiu para a cooperação *entre grupos* (ao menos não *todos* os grupos). Como sabemos disso? Por que a moralidade não poderia ter evoluído para promover a cooperação de maneira mais geral? Porque a cooperação universal não condiz com os princípios que governam a evolução por seleção natural. Eu gostaria que fosse de outro modo, mas não há como escapar dessa conclusão, como explicarei a seguir. (Quero acrescentar que isso *não* significa que estamos fadados a ser menos que universalmente cooperativos. Falaremos mais a respeito em breve.)

A evolução é um processo inerentemente competitivo: o leão mais rápido captura mais presas, produz mais prole e, conseqüentemente, aumenta a proporção de leões rápidos na geração seguinte. Isso não aconteceria se não houvesse competição pelos recursos. Se houvesse um estoque ilimitado de comida, os leões mais rápidos não teriam vantagem sobre os mais lentos e a geração seguinte não seria, na média, mais rápida que a anterior. Sem competição, sem evolução por seleção natural.

Pela mesma razão, tendências cooperativas não podem evoluir (biologicamente) a menos que confirmem vantagem competitiva aos cooperadores. Imagine, por exemplo, dois grupos de pastores, um cooperativo e outro não. Os pastores cooperativos limitam o tamanho de seus rebanhos, preservando o pasto

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tribos morais"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).